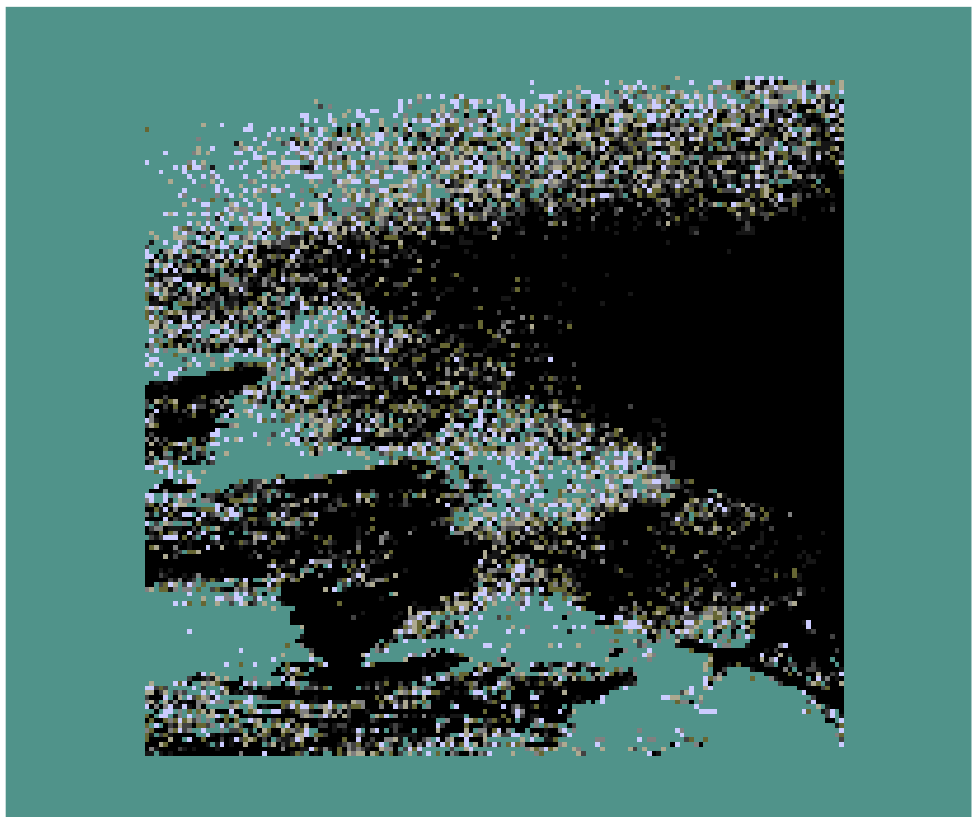


O Silêncio Das Palavras

José Dias Egípto



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

**«A alma do homem é como a água. Do céu
vem
ao céu sobe e de novo tem que descer à Terra
em mudança eterna.»
Goethe**

**«A oração tem que ser o comer e beber, o
passear e o jogar,
o ler e o escrever e o conversar e, até, o
dormir e,
assim, rezo tudo isso e a nossa vida é um
contínuo e mudo "faça-se a Sua vontade",
e um incessante venha a nós o Vosso reino",
não já pronunciado, nem sequer pensado,
mas vivido.»
Miguel Unamuno**

*À Mila, a abelha e o sino que me
acompanham nesta vida...*

*À Julieta e à Irene, o «templo» do Bonfim
às quintas-feiras...*

Indiferença

Sei que procuro as palavras...
Sei que as palavras me procuram ...
Aliás é a única certeza que tenho quando escrevo.
Às vezes encontro-as, por acaso,
mas não sei o que fazer-lhes.
Falta-me a perícia para as agarrar ainda vivas,
inteiras de sentido.
Elas fogem-me quase sempre
porque vivem em liberdade
e são astutas quando perseguidas.
Umhas são viscosas, outras pesadas,
mas as mais fugidias são leves como penas...
E, mal de mim, todas me procuram
e de todas sou carente...
Como gostaria de viver sem elas!
Criar no papel o silêncio absoluto, o indizível
ou então o som apenas do manso vento junto
ao mar.
Ah o mar!...
Quantas palavras existem no seu seio!...
Tesouros de gritos e de preces cobertos de
algas e de conchas de indiferença...
E quantos pescadores, sem o saber, trazem
palavras
enlaçadas em suas redes?

Às vezes algumas voam nos salpicos das ondas
contra o vento
e borrifam a praia e os rochedos...
Mesmo essas não são fáceis de apanhar!
Quando menos se espera saltam da concha da
mão
e tornam a voar levadas pelo vento,
evaporando-se com as brumas da manhã.

O sentido ficou, quiçá, em quem as disse
ou mesmo esse lhes ficou aquém...
Talvez as palavras não precisem de sentido
para viver
e não pertençam a ninguém ...
O poeta, esse, só faz sentido
no meio de toda esta indiferença!...

Poema

Um poema constrói-se então assim,
de formas bem diferentes...
(ou talvez não!...)
As vezes sozinho, sem a ajuda de ninguém
partindo a casca dura, aos pedacinhos,
saindo do espartilho branco da mente,
já oco às vezes de sentido, de alimento,
de um vazio aparente, procurando por isso
logo o sustento em cada canto, em cada eira,
em cada alma carente...

Outras vezes não; aparece já feito, escorreito,
capaz de trilhar seus próprios caminhos,
vindo de um além imperceptível,
com uma altivez e presunção irreduzível,
de quem tem a razão para existir,
sem nunca precisar de mais alguém...

Quase sempre, porém, somos nós que o
criamos
a sós, juntando os pólos, os nós,
fecundando a matriz das palavras, dos
sentimentos
e, devagarinho, vêmo-lo crescer aos
sobressaltos,
na fragilidade intrínseca de quem acaba de
nascer
e duvida ainda se quer ou não permanecer...

De toda a forma, temos esse dom,
o privilégio de o receber, de o acolher
como algo tangível nos nossos braços
e de perceber afinal, que mesmo sem
ninguém,
ele nasceria de maneira igual
com a mesma beleza e harmonia,

pois a forma, a palavra, a fantasia,
não são nossas, vivem sim entre nós,
desde o princípio dos tempos,
numa outra vibração que nos transcende,
mas que às vezes nos atinge o coração
num dado momento e se revelam
quando está tudo reunido numa casual união,
quando há tempo, há papel, uma caneta e a
mão!

Fingimento

Minto se disser que sinto tudo que escrevo
e, se sentisse agora, ao relê-lo, o seu
contrário,
não me atreveria tão pouco a desdizê-lo...

Porque não há voos perfeitos
e qualquer águia os interrompe se vê presa ou
rasto dela,
perdendo por momentos a grandeza,
não deixando por isso de ser bela!

Também na planície não é a fonte que mente
quando seca,
é o monte que lhe nega as suas águas,
paradas agora nos seus braços,
não saciando já a sede porque mortas,
fingindo ainda servir enquanto há rega!

Um poeta nunca mente;
é o sentir que às vezes escapa à sua mente
e então acrescenta, aumenta a realidade,
dá cores, dá luz ao que é negrume,
traz à lareira o lume
e diz que sente nessas brasas frio
e tem calor nesse arrepio
e traz à calmaria o vento
e em tudo na vida põe acento...
E mesmo que mentisse quem o saberia?
Se a própria noite às vezes vira dia
e as rosas ao luar desabrocham no Verão
mesmo ao relento?!

Poesia

A poesia é o meu ninho,
meu calor de passarinho, meu equilíbrio
interior.

A poesia é um abraço universal, um golpe de
asa, uma ânsia,
um olhar profundo da alma,
um perscrutar neste mundo com os olhos da
infância...

A poesia é o meu berço primitivo,
o que deixei e deixaram ao abandono,
forçando-me a migrações,
fugindo ao frio das estações desta vida sem
retorno ...

A poesia é o meu signo, a conjunção astral do
meu caminho,
é o eterno regresso ao ventre, ao limbo,
é a sombra conseguida desta árvore
enigmática que é a vida!...

Limiar Intransponível

O que é esta janela, esta máscara, este rosto,
senão uma fronteira,
uma teia de arame retorcido
que esconde esse casulo tecido, favo do meu
eu,
amargo de fel e de doçura, fechado em breve
sono
aos voos errantes da loucura?...

Que postigo é esse da fome e do meu nome,
barreira das imagens reflectidas nesse vidro já
gasto,
polido de lembranças, baço de medos
em tranças de sonhos esquecidas?...

Janela sim, mas só para mim,
de versos aberta a quem amo e quero;
secreto abrigo sempre
onde se esconde um poeta eternamente,
nesse limiar intransponível e vital
que vence o desespero!...



O Silêncio Das Palavras

Ouçam o silêncio...
Ouçam a Palavra, nas palavras do silêncio!

Que as palavras, da água sejam gotas e
pinguem cristalinas
de um qualquer céu e façam um novo mar,
sempre em finíssima surdina,
envoltas pelas ondas e pela neblina,
perdidas para sempre no seu contínuo
murmurejar...

Que entre cada vaga, cada olhar,
desse novo mar a construir, se ouça apenas
a música das estrelas em toda a sua plenitude,
o silêncio do Amor Universal,
rasgando os sete véus da nossa ilusão de
finitude...

Que as palavras se desfaçam em espuma
e em nossas mãos se sumam,
brilhando refulgentes à luz do sol ardente
no chão da praia em aluviões,
centelhas vivas despindo trevas em nossos
corações...

Ouçam o silêncio que há em cada um.
Ouçam como se grava atrás de cada rosto da
cidade...
Ouçam o silêncio e nele ouçam a Palavra!



Hipocrisia

Desconfio dos altos
ciprestes, longilíneos, vaidosos nas vestes,
marcando a paisagem com aparente aprumo e
rectidão...

Desconfio da sua silhueta sempre em
cerimónia,
com seus ramos curtos e simétricos, negando
aos pássaros a guarida,
sempre escoreitos sem amachucar o fato,
sempre luzidios quase sem defeitos...

E nem o vento com a sua fúria consegue
derrubar tanta luxúria,
tão esguios e fugidios são de tudo que vibra e
irradia força...

A sua sombra mal cobre a terra quente
e, se a gente neles se abrigar, molhado fica da
chuva que cair,
e descoberto é por quem nos procurar...

São arrogantes na sua rectidão, desprezam a
paisagem que os cerca
e vivem assim, enfatuados, sem préstimo,
rodeados de egoísmo e presunção...

Confio sim nos velhos castanheiros e carvalhos
das florestas ancestrais,
nas rugas e asperezas que há neles, no seu
perfil austero,
nas formas curvilíneas dos seus braços que,
entrelaçados,
parecendo criaturas amorosas, criam nichos
para ninhos nas alturas...



Tortuosos parecem num primeiro olhar
não inspiram aquela rectidão a quem os vê,
parecem subjugar-se até, a todos e a tudo que
acontece... Mas se nos chegarmos à sua
sombra, se ouvirmos o seu murmúrio íntimo,
veremos que só vacilam quando há vento,
e para melhor seus frutos ofertar,
ouviremos, enfim, o chilrear de mil pássaros
diferentes...

E os seus braços, tão longos e cansados do
peso da idade e da sabedoria,
cheios de amor, às vezes caem
desamparadamente e dão lenha
e forram casas e sulcam as águas em barcos
mansamente...

Resistem ao tempo, perdem o prumo das
formas, do que é exterior e accidental,
mas não o equilíbrio mais profundo, a beleza
essencial,
porque esta está de acordo com a paisagem
que fervilha sempre em tudo o que é vivo,
e com o ser humano que dela é parte,
porque é em si também bipolar,
feito de mudança, tortuosidade e inquietação...



Labirinto

Estou ainda a meio deste jogo.
Sei que me deram as regras no começo,
mas esqueço-as facilmente e volto a cada
passo à partida ;
depois, não sei porquê, parece que
adormeço...

Neste jardim original onde fui posto,
o sol queima e faz calor e são poucas as
sombras para guarida,
e eu neste torpor, no meio deste labirinto,
ainda mal avancei em busca da saída...

Sento-me um pouco, procuro concentrar-me,
algo me diz que a chave está em mim...

Invisto então de novo, por outras ruas e
alamedas,
no meio de altas sebes, no fundo das veredas
mas esbarro sempre no seu fim ...

Já não sei bem porque aqui estou ...
Quem me aliciou então para este logro?
Será que havia prémio, alguma recompensa,
para quem chegasse ao fim e completasse o
jogo?

Ouçó vozes agora! Chamam por mim!
Engano dos sentidos...
Não há vestígios de gente. Reina o silêncio
total neste jardim...

Mas então, que faço aqui?
Não se pode jogar sem ter parceiro...



E eu juro por Deus, que não fui o último, a chegar aqui, nem o primeiro!...
Mas as regras, Senhor, onde é que as pus, que as não encontro já?
E quem as fez?
Mas será que todo o labirinto tem saída?
Será que as tive nas mãos, alguma vez?
E o tempo que passou, que não tem fim?
Meu Deus, ao tempo que isto dura!...

Mas não será a vida este jardim?
E o seu único sentido esta procura?!...



Forum Romano

A Coluna de Trajano conta-nos só parte da História
deste palatino humano intemporal,
esculpida de guerras e de efémeras conquistas
dos Impérios,
nessa altiva espiral de orgulho e de força
bestial,
almejando soberba as alturas e o divino
benefício,
(em humana criatura encimada)
da não erosão da memória e de tanta pedra
escrita e trabalhada ...

E no meio dessas pedras derrubadas e caídas,
desses arcos triunfais, dessas colunas ainda
erguidas,
agora exangues de sentido, nesse Forum
gigante,
dois mil anos nos contemplam e dão-nos num
ápice dos sentidos
a nítida sensação de um só instante...

Bem pode a Coluna de Trajano agora se
alongar,
escrevendo todo o resto da História por contar,
que ficariam iguais os caracteres,
(mudando apenas a altura e a idade)
nesse perpétuo movimento circular da
Humanidade ...

Pois quanto mais novas conquistas se
anunciam
e tudo parece avançar,
(e a que alturas teria de chegar!...)
mais o Homem plagia o seu passado,



negando transcender os horizontes das novas
colunas que já fez
e a terrena condição de aqui passar!...

Morte Virtual

Pus a cassete na boca do vídeo e o vídeo
comeu,
e deu-me em cores e imagens já esbatidas,
as horas vividas, riscadas e perdidas,
do que já fui eu...

Pus a disquete na fenda do computador e a luz
acendeu,
e escreveu na folha A quatro o meu passado,
"baite por baite", corrigindo da memória
informática
os acentos e as formas que tive e os meus
erros também
mas de tudo não passou da gramática...

Pus as cassetes num saco do lixo gigante,
mais as disquetes cheias de ficheiros,
e ainda confiante juntei-lhes os discos velhos
de vinil
(e que pesado é este meu passado pueril!...)
e até os "cedês" de que já estou farto
e não servem para nada, meti.

E este enorme volume queimei, pensando que
dele
nascesse o estrume, em cinzas e em lume,
mas não consegui...

Porque este lixo mata a fantasia!
Entra-nos em rolos densos de fumo pelos
pulmões e acaba connosco!
E intoxica o futuro da Humanidade! E abafa a
alma colectiva !...



Ah ! Quantos milhares de gravações se fazem
enquanto um livro se escreve!...
E um livro ao menos dá lume e incendeia-nos
a alma!...
E até uma cabra o come se não tem mais...

Ah! Que parte fica de nós para além destes
registos
quiméricos audiovisuais?!
Que morte nos espera, que esquecimento?
Ah ! Quem nos recicla as memórias virtuais?!
Quem?...

Viver

Nascemos nos bastidores deste teatro,
desta família, desta escola de actores
para sermos maus como alunos
e bons como professores.
Ensinaram-nos as marcações,
os movimentos de cena e as deixas.
Vestiram-nos a rigor para esse público
exigente,
essa gente que queria sangue e suor...

Ascenderíamos à fama se dominássemos a
técnica,
se atentássemos ao ponto,
se acreditássemos no jogo.
Sairíamos de cena como heróis,
dominaríamos a plateia, o mundo,
sem repararem no logro,
sem repararem em nós...

Puro engano! Vãs quimeras!
Cedo ou tarde descobrimos o embuste
pois há só uma peça neste palco da vida.
Há só um papel para desempenho.
É o saber estar e não estar.
É ser planta, ave ou ribeiro e tudo de modo
inteiro.
É ser último sendo primeiro.
É ser floresta e seu cheiro.
É ser flor ao ser caruma.
É ser luz e é ser bruma.
É sentir a alegria de dar e receber
os aplausos na plateia, devolvendo essa
energia.
É ser pedra ao ser espuma.
É ser tudo em cada acto
e não ser coisa nenhuma!...



Confirmação

Quem me dá as asas para voar
por cima destas casas, destas ideias contidas
em quartos por desarmar,
por cima destas ruas e avenidas,
destes nós do pensamento,
que quase sufoco e arrebento,
se não consigo voar?...

Quem me dá as asas que perdi,
que as tinha quando nasci
pois ainda sinto o cunho do seu umbral
e era o seu proveito que desaprendi,
(ou mas cortaram a mal...)
que agora nesta aflição me dava tanto jeito
tê-las de novo aqui?...

Quem me vê as asas?! Quem mas encontra?!
Pois preciso de subir bem alto,
por cima desta cidade,
deste enredo de medo, destas cordas da
mente
que me prendem ao presente
e não me deixam voar...

Ah!
Quem me deu as asas, enfim,
e esta liberdade de voar bem junto ao céu?!
Quem mas deu, que atrás do peito já as
sinto?!
Não foi ninguém por empréstimo,
nem foi dádiva Divina,
fui Eu!...



Iniciação

Parto o ovo e renovo a esperança
de o ler assim vertido, descodificado,
pelo sémen derramado na ponta dessa lança,
nessa enxada contido,
que há-de rasgar-lhe o mistério
sempre branco, sempre incompreendido...

Abro o ventre e descubro o ovo, de novo,
o código secreto já alterado,
a distância aparente das formas animadas,
a mesma semente a ferver
e vejo nesse mesmo branco pano,
o mesmo sopro contido
que faz um pinto, uma árvore ou um ser
humano!...



Passagem

A vida coa, peneira, purifica,
gemina os traços da matriz que trouxemos,
enlaça-os com outros que retém
e de tudo pende e ressoa
as obras reflectidas que fizemos...

E soma os mastros, caídos no final de cada
batalha travada
no centro dessa arena da mente e usa-os
para detonar a roda de fogo que há-de
reclamar, mais tarde,
o nosso corpo como desforra,
porque jaz agora, parada em retrocesso...

A mim deixa-me o tabagismo amigo que
carrego,
um cravo vermelho, já velho, na samarra,
um par de remos para a travessia
e uma corda de sonho e de amor para servir
de amarra ...

E eu, aterro compassivo nessa areia,
abro o grande vão dos dias que passei,
tiro do grande barco a cal que necessito
e nessa brancura intensa me misturo,
queimo a minha pele de todo o mal,
torno-me volátil, manto de luz, sal,
e desapareço enfim no infinito desse muro,
imortal!...

Sonhos

Um sonho eu tive que vivia,
que sentia as mil arestas dos sentidos
e com esse sentir fingia que gostava do que
queria
e ria a sonhar que ria,
sem acordar para viver pelo menos um só
dia...

Sonhamos todos a viver
e com o sonho vamos a correr atrás de nós
até que por fim, apanhados na sombra que
deixamos,
ou nos revelamos, com as estrelas que temos
esquecidas
e vivemos mesmo,
ou ficamos sempre iguais
a sonhar a vida e a fingir até ao fim...



Caminho

Muros de ruído e fumo cercam meu jardim...

Nele descanso, derramando azul nos horizontes...

A mente procurando rosas, o corpo cheirando já a lírios e a jasmim...

Abraço as árvores, percorro a floresta,
sorvendo-lhe a seiva,
crescendo ao sabor das pétalas rodadas
girando no meu corpo
- sete asas, sete borboletas, sete raios de cor...

Vejo agora como nunca vi - águas e lavas a brotar, calafrios
percorrendo-me a medula, rios a subir -
sentidos que se fecham,
outros a abrir...

Éteres reflectem o esforço do caminho,
chuvas de Verão desenham arco-íris...
Sou eu que sigo os que já partiram.
Sou eu que precedo os que virão!...



Temporalidade

O tempo que se esgota em cada instante
faz parte do grande mistério de estar vivo.
É um rio que corre aos nossos olhos
e que está parado à distância...
Que faz da foz a sua nascente e nos leva
em sua corrente presos ao seu leito.
Por isso as minhas horas não são iguais às de
quem amo
e contudo somos dois no mesmo espaço...
E os meus dias não são feitos só das horas que
passaram.
Há outras coisas mais que se pressentem
e os prolongam ou encurtam.
Como o amor que não tem medida...
Como o tempo que roubamos uns aos outros
quando esse amor nos falta em nossa vida.
Como os sonhos que nos levam sempre mais
além...

E há os interstícios dos dias
que são as sombras de uma outra parte de
nós.
Os momentos mais sombrios que tentamos
apagar
escondendo-os nas fendas húmidas da
memória
ou nos recônditos da mente sem acesso
aparente à lembrança.
Às vezes afloram à superfície, sem sabermos,
fazendo-nos autómatos nos gestos e palavras,
guiados à distância de outro tempo.
E tudo somado somos nós.
E tudo subtraído somos nós, talvez na nossa
essência...
Porque tudo acontece na ilusão de acontecer...
E o tempo que medimos é um vício



e como tal gera dependência. E como tal é puro desperdício...

Em cada hora sorvo angustiado a privação dos sessenta minutos que a precederam e em cada dia as vinte e quatro horas anteriores...

E a dose é sempre maior até um fim - do tempo que é a morte, da vida que é um vício.

Para tudo recomeçar desde o início!...

Perspectiva

Um olho aberto outro fechado,
um muro ao alto para subir em equilíbrio,
o ver de cada lado, sóbrio, a paisagem...

Um presente, um futuro, um passado,
uma curva bem comprida inacabada,
o ver em perspectiva, os dois sentidos da
estrada...

Uns quantos outros no meu eu, que me
acompanham,
a vontade firme de ser uno que procuro,
um olho aberto no presente, outro fechado no
passado,
os dois semi-cerrados no futuro!...

Duplicidade

Duas vezes a mão cobriu a face...
Duas vezes a alma se turvou...

Da imensa privação da paz e do azul,
duas vezes ao solo se arrojou...

E as espáduas nuas foram remos
e a barca sulcou a solidão,
auroras são, em águas marinhas, as sombras
do sol posto...

Então, abriu-se o céu à imensidão
e duas vezes disse sim e disse não
e os olhos se uniram num só rosto...

Duas vezes a vida se confina,
duas vezes se reflecte a ilusão...
Quando se nasce há sempre algo que termina,
quando se nasce vem-se da luz para a
escuridão!...



Teresa D'Ávila

Fui aos campos de Castela e fui vê-la...

Trouxe comigo essa tela de antanho,
de mil texturas em castanho e verdes
primaveris.

Vi campanários em fundo, cegonhas
encimadas em seus ninhos,
vi o belo deste mundo, vi neves rios e
caminhos e rebanhos pastoris.

Respirei esse ar puro, esses ventos varonis.
Trouxe comigo a planura, onde adivinhei a sua
figura,
seus caminhos e escolhos...
E tudo que lá senti num êxtase que não
percebi,
não me deixa, ainda hoje, abrir os olhos...

Só sei que fui, que senti, pois neste espartilho
da escrita,
nesta pobreza do verbo, como posso eu dizê-
lo?
Quem acredita que a vi?

Sei que a minha mente para a tão alto chegar
é impotente,
e que a minha alma neste cárcere dos
sentidos, está refém, sem perdão,
neste tempo tão diferente mas igual na
escuridão.

Mas eu senti nesses campos de Castela, a
fome do seu pão
e, como que desmaiado no amor, na
mansidão,



quase sem ver, pude vê-la ;
e percebi, que a sorrir, me chamava João!

Evocação

Pai, porque me fizeste assim tão igual nesse perfil austero,
nessa reserva constante, em tudo tão semelhante
que te punha e me punha tão distante (e tu sabias...)
que até parecia sincero a forma como o fazias?

Pai, porque sou eu assim de ti a cópia fiel,
na timidez complacente e aparente com os amos deste mundo,
na gentileza cobarde, no cinismo sem alarde com os presunçosos
que te enchiam de fel, que vertias em rudeza exagerada, inesperada,
naqueles que te amavam, que até parecia que querias
que achássemos sincero tudo o que nos dizias?

Pai, porque choro como tu às escondidas,
capitão de marinheiros na tempestade das vidas,
dissimulando emoções da tripulação?...
E sofro sem dar nas vistas com as agruras e venturas deste povo,
não parecendo que o socorro na aflição?...
E comovo-me e coro com os gestos inocentes das crianças,
com os seus sorrisos traquinas, com o seu mundo de ilusão,
que até nem parece sincera toda esta emoção?

Pai, porque fiquei eu assim de ti tão semelhante,
tão diferente do que eu queria,



que, quando páro, um instante a meditar,
só penso naqueles castanheiros que te ajudei a
plantar
e que de tanto os cuidarmos e regarmos se
tornaram tão iguais,
que eu hoje, sinceramente, já nem sei,
se, naqueles idos de Fevereiro,
fomos nós que os plantámos e cuidámos,
se foram eles por amor a nós primeiro?!...



Paraíso

A luz era suave e espantosa ...
Como a de uma aurora boreal em rosa e azul
claro.
Tão claro e celeste que os seus olhos se
abriam de prazer...
Depois havia o calor bastante, uniforme e
constante,
tão macio como se estivesse envolto em rolos
de algodão sem fim.
E o peso do corpo e o esforço para mover os
seus membros não existia,
tão somente porque nada sabia e tudo fazia
sem sentir...

Um murmúrio de vozes ou de música ouvia
que se habituou a conhecer,
uns de noite outros de dia, aliás ele mal sabia
o que era um dia,
só se sentia ora mais só ou com alguém...
E havia uma voz que lhe enchia de paz o
coração
e então fechava os olhos e dormia e chegava a
sonhar,
mas nunca percebia o que via por mais que na
sua memória tentasse procurar.
Sabia que sentia sempre medo dessas visões,
de um outro sítio,
de um outro meio, das perguntas que lhe
faziam e a que não queria responder
porque lhe bastava ser o que era e então
voltava a querer adormecer
e adormecia naquele doce enleio...

Às vezes nadava de alegria em seu redor e
remexia aquele líquido



em cada canto e pormenor, numa euforia tonta
como se algo estivesse para acontecer. E
aconteceu mesmo...
Fenderam-se as águas, um tremendo ruído se
ouveu e um frio agreste
assolou o seu corpo lançando-o ao vazio...
Ninguém mais lhe explicou o sucedido, se teria
outro fim
acaso às perguntas respondesse...
Talvez tudo não tenha passado quiçá de um
sonho mais...
Talvez possa acordar de novo de olhos bem
abertos de gozo,
para os rosas e azuis da pura suavidade
daquelas auroras boreais!?!...



Deslumbramento

Não sei se fale desta foz
à minha frente,
deste encontro de águas a horas matinais,
destes barcos parados,
andando a meus olhos para poente,
sobre a corrente
que passa sob eles para o cais...

Não sei se fale destas ondas
nos meus olhos derretidas,
esquecidas das rochas e das gentes,
espreguiçando-se em alvos horizontes,
vazantes de orgulho e minguadas do vento
que lhes dá na enchente o seu alento,
dormidas assim, ainda dormentes...

Não sei se fale ou fique mudo
da paz que me vence,
que me esvazia a mente,
de quem sente somente
as asas da gaivota que passa
e respira fundo tudo, suavemente...

Não sei se fale
que encho os porões
para uma longa travessia,
sorvendo para os pulmões toda a energia
que há-de circular pelas veias
e artérias mais pequenas
e fazer rolar da memória a maquinaria
com o óleo supremo de tantas emoções...

Não sei se fale
ou se me cale por delicadeza,
talvez por respeito e pudor



a todo este esplendor da natureza...

Talvez porque saiba o que sou
e não me sinta ainda merecedor
para cantar
tanta paz, tanta beleza!...

Mar

És o grande chamamento que me vence,
sempre que os meus sentidos,
náufragos de ti, se aproximam,
e se deixam arrastar para o teu seio...

És o ventre inicial da grande mãe,
onde a memória de mim se desvanece,
tão dissolvido em ti me sinto no teu meio,
que perco a densidade e a idade
das formas e do corpo,
e tudo da vida se me esquece...

Mergulhado assim nesse teu soro,
num ritmo que me bate fisiológico,
sinto o regresso aos líquidos vitais,
o deleite, o aconchego e a frescura
dos fetos nas bolsas maternas,
antes do cruel momento da ruptura...

E se tudo na vida são marés
e os despojos que deixamos sobre a praia,
é com elas que te peço que me deixes,
pois a lua também rege o meu destino
e deu-me as guelras e a ânsia,
logo em pequenino,
para viver junto de ti como os teus peixes!...



Quebra-Mágoas

Esta viagem que é a vida por toda a espécie de mares...

Estas vagas a vencer, este nevoeiro, traíçoeiro, sem se querer...
Fazem de mim marinheiro, de um veleiro sem velas, sem saber!...

Nessas noites de breu em que navego então, bem junto dos glaciares, já nem vejo a cor do céu, já nem vejo a cor das velas,
pergunto a mim para onde vou, pergunto a mim quem eu sou,
tenho medo só de vê-las!...

É então que tu iluminas esse céu, esse rumo, ensinas-me a marear,
cortas as ondas a prumo, da vida, meu quebra-mar...

Sulcas comigo as ondas, prendes as nossas mãos ao leme,
trazes de volta a paz ao cais,
já não há barco, nem arrais, já nem a noite geme!...

Só há mansidão na noite, só há mansidão nas águas.
És meu anjo protector, meu quebra-mar, meu amor,
meu quebra-mágoas!



Tu

A tarde humedece...
Recortadas ficam na bruma
as três luas desse teu olhar insular...
Tear, espelho, arco de setas por lançar,
(chaveta de perguntas, orfeão, coro de risos,
solo suavíssimo de lágrimas...)
"vespa" cruzando vielas, abrindo e fechando
ruas
das Romas sempre a alcançar!...

E é nesse reter amado do olhar que reatas o
sonho,
saras as feridas, dás remédio, seguras as
vestes,
mantendo imaculadas as pontas
sobre a serradura gorda, quotidiana, do
tédio...

E operas em ti o salto da rã
por cima do charco,
confundindo-te segura nos nenúfares,
revelando-te ora abelha ora sino altivo
e soas,
acatando os dias, anotando as horas,
usando as asas dos olhos,
sempre pelos outros, quando voas!...

Passeio

Dá-me de novo esse voo,
esse passeio sereno sobre bosques e pinhais,
quando o amor mais terreno nos engrandece,
unindo corpos e corações e se faz prece,
num arfar fluido e manso de asas e de ais,
fundindo numa só todas as emoções ...

Faz das tuas pernas asas gigantes
para que eu, suspenso nas alturas, as sinta
como minhas também
assim ao sol brilhantes,
e me deixe levar pelo seu bater cadenciado
nesses voos altíssimos,
os dois assim unidos e alados, sereníssimos,
subindo, subindo sempre mais além ...

Sairemos do corpo que é só um
e voaremos a planar sem rumo,
os olhos fechados no fundo da paisagem
rasgando os véus das nossas nuvens em
novelo,
os corpos como penas levados para cima pela
aragem
abrindo na passagem mais portas ao céu
num êxtase ingénuo de merecê-lo...

Pairaremos então, asas abertas, tempo sem
fim,
até que um espasmo sorrateiro cresça
e desabe num ápice traiçoeiro
fazendo-nos cair desamparados na crua
realidade ;
tu em ti, eu em mim,
presos ao peso de umas pernas que são tuas e
são minhas,



nesta terrena e corpórea densidade...

Tiremos lestos daqui estas pesadas pernas!...

Pois já nos falta o ar!...

Abre de novo essas asas, por favor...

Vamos passear!...



Tempestade

O vento agreste sopra defronte da casa;
é o frio do sudoeste perante a nossa solidão...

Em vão fechamos as janelas do medo,
porque ainda é cedo, dizemos, para as abrir...

E das árvores curvadas, cansadas de serem
batidas,
fica-nos o reflexo de nossas almas, nesta e
noutras vidas,
ainda por varrer...

Nós, ainda à janela, ansiamos, como elas,
pela paz e pela calma de um novo
amanhecer!...



Ilusão

Que realidade nos transporta
ao sonho acordado de estar vivo?
Que cegueira, que espelho lascivo
nos faz ver esse umbral em vez da porta?

As esquinas, sonâmbulos, tacteamos,
crendo em todos que nos dão esmola;
nas nossas mãos atadas põem a pistola
para tudo acabar quando acordamos...

O horizonte é mais do que uma linha.
O círculo da Natureza é fundo,
não é fechado - abre uma adivinha...

Há uma infinita e sagrada espiral
na divina metáfora do Mundo -
somos verso, de outro verso, afinal!...



Redenção

A rosa! Quem a conhece no seu
puro, subtil e íntimo sentido?
O símbolo maior para ser lido,
se rompido for esse fino véu?...

Quem nas pétalas rubras desenhadas
vê essa luz em círculos concêntricos
- etéreos centros são - em nós idênticos,
rosas em nossos corpos espalhadas?...

Possamos todos, enfim, abrir os braços
e no plano feminino descoberto,
olhos verticais, refazer os laços...

Que rosas floresçam em cada peito
e assim, em Amor, veja-se aberto,
alma nessa cruz, o róseo leito!...



Mensagem

Agarro-me aos meus versos como um
náufrago e a boiar,
prendendo-me aos limos e às rimas,
procuro a praia certa para me salvar ...

Suo de pavor, imerso nestas águas, sujas do
lodo espesso deste mundo
e, nessa escuridão, sou um mendigo,
à porta dos fundos deste mar, a pedir pão...

Deixo estas folhas cobertas de emoções,
destes despojos de amor,
libertos que estão do sarro e dos nojos do
porão desfeito do meu corpo impuro
que jaz por fim exposto e gasto aos ventos do
futuro...

Ventos que tudo hão-de varrer, praias a eito,
de lés a lés,
deixando a descoberto este convés imundo
e a quilha sangrante do meu peito...

A salvo já a minha alma de tanto sofrimento,
olharei bem alto, a céu aberto,
e terei a grande visão que há tanto tempo
espero:
o voar à solta dos meus versos varridos nesse
azul em liberdade...

E nessa comoção hei-de chorar e rir de
felicidade,
pois são sementes que deixo neste mundo,
que hão-de germinar,
verso a verso, em qualquer peito, fundindo-se
com outras
no grande chão de luz do universo...



É nessas cinzas que assim deixarei,
espalhadas para sempre por essa doce
aragem,
que vou alcançar, por fim, a eternidade,
pois ninguém pode quebrar as vibrações desse
meu canto,
nem nunca apagar essa mensagem!...

ÍNDICE

Indiferença.....	4
Poema.....	6
Fingimento.....	8
Poesia.....	9
Limiar intransponível.....	10
O silêncio das palavras.....	11
Hipocrisia.....	12
Labirinto.....	14
Forum romano.....	16
Morte virtual.....	18
Viver.....	20
Confirmação.....	21
Iniciação.....	22
Passagem.....	23
Sonhos.....	24
Caminho.....	25
Temporalidade.....	26
Perspectiva.....	28
Duplicidade.....	29
Teresa D'Ávila.....	30
Evocação.....	32
Paraíso.....	34
Deslumbramento.....	36
Mar.....	38
Quebra-mágoas.....	39
Tu.....	40
Passeio.....	41
Tempestade.....	43
Ilusão.....	44
Redenção.....	45
Mensagem.....	46

Colecção

digit@lmente

Título: **O SILÊNCIO DAS PALAVRAS**

Autor: **JOSÉ DIAS EGIPTO**

Edição em Formato Livro: **1999**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:
elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997